

os líderes esperam que o govêrno legalize as iniciativas tomadas; fase também de descrença e abandono, muitos adeptos deixando o Movimento, pois o govêrno australiano parecia não dar atenção às reivindicações. A esta fase seguiu-se um reavivar do Culto da Carga, claramente compreensível: uma vez que o govêrno não atendia às reivindicações, era preciso lançar mão de poderes mais altos, os sobrenaturais, a fim de promover as mudanças necessárias ao equilíbrio da vida nativa. Foi esta a fase mais especificamente estudada por Schwartz, pois ocorreu justamente enquanto estava êle no campo. Por outro lado, ela efetuava uma divisão entre indivíduos ainda presos às antigas crenças, que passaram a se entregar ao Culto, e os que já se tinham libertado de maneira decisiva e que não aderiam a êle. Quando o Autor se preparava para deixar o Arquipélago, vieram notícias de que o govêrno finalmente oficializava tôdas as iniciativas nativas, e o Movimento do Paliu recrudescceu. Culto e Movimento então se apartaram definitivamente: os que ainda não tinham conseguido desligar-se inteiramente da antiga cultura, ficavam presos ao Culto, enquanto os "evoluídos" entravam em nova fase de dinamismo e de empreendimentos.

Eis, de modo ligeiro, um resumo do alentado trabalho do Autor, excelente e completa monografia sôbre um dos fenômenos culturais mais importantes observados na Oceânia nos últimos tempos, e que diz respeito à modernização das culturas nativas. A associação entre o Culto da Carga e o Movimento de Paliu indica de maneira explícita que os Cultos da Carga, como já haviam verificado alguns autores, constituem transição entre a cultura tradicional e a nova cultura ocidentalizada. Não se trata, pois, de fenômenos de puro fanatismo, nem de "loucuras coletivas", mas de processos de transformação, em que o Culto tem o valor de um símbolo de tôdas as mudanças que estão se operando: formado por elementos nativos e cristãos associados, é a primeira acomodação entre dois estilos de vida completamente diferentes. E uma vez efetuada a transição, os nativos evoluídos abandonam-no, numa laicização de seus empreendimentos, que é o mais seguro característico da nova mentalidade.

Maria Isaura Pereira de Queiroz

*

B. HOLAS: *Cultures Matérielles de la Côte d'Ivoire*. 96 págs., 25 figs. no texto e 60 pranchas. Paris. Presses Universitaires de France, 1960.

O desenvolvimento dos estudos etnológicos em nosso país vem se realizando num nível em que a análise específica da cultura material de populações tribais é praticamente relegada ao esquecimento. Daí a necessidade de se chamarem à atenção dos estudiosos brasileiros, através de uma resenha, as possibilidades que êste campo oferece, tal como são exemplificadas pelo trabalho de B. Holas. Conservador do Museu de Abidjan e especialista na etnologia da Costa do Marfim, o autor demonstra que a apresentação de material etnográfico não se limita necessariamente a meras descrições. B. Holas fornece, no dizer de seu prefaciador, o presidente da República da Costa do Marfim, "une relation détaillée des coutumes correspondant à leur usage et une explication des signes qu'ils représentent, de par leur forme, leur décoration ou la manière dans laquelle ils sont façonnés." (págs. 5-6). O autor não apresenta seu material apenas como testemunho de um passado tribal em fase de desaparecimento, mas coloca-o, de maneira dinâmica, dentro das transformações atualmente em processo naquela área em desenvolvimento.

O trabalho refere-se ligeiramente à pré-história e arqueologia da Costa do Marfim, voltando em seguida, na parte significativamente intitulada "Temps modernes",

às atividades de subsistência das atuais populações eburneanas; prossegue examinando as artes e técnicas tradicionais (cerâmica, tecelagem, trabalhos em madeira, marfim, ouro etc.), referindo-se sempre a peças existentes no Museu ou a costumes observados em campo, através de boas fotografias e sugestivos desenhos a bico de pena. Dentro do capítulo relativo aos trabalhos em madeira, dedica várias páginas ao exame detalhado das máscaras cerimoniais.

Dois pequenos "senões" podem ser apontados na obra: os desenhos não vêm acompanhados de qualquer indicação sobre as dimensões dos originais, e o "mapa esquemático das regiões artísticas da Costa do Marfim" — talvez "regiões estilísticas" fôsse a expressão mais apropriada — não corresponde às expectativas que tal título desperta. O texto é enriquecido com notas e uma bibliografia sumária no final do livro.

Trata-se, sem dúvida, de uma obra de divulgação; foi realizada, entretanto, com aquele cunho de seriedade que falta a tantos trabalhos do gênero.

Thekla Hartmann

*

SYLVIA L. THRUPP, ed.: *Millennial Dreams in Action*. Supplement II to *Comparative Studies in Society and History*. 229 págs. Mouton & Co. Haia, 1962. (Preço: US\$ 4.50; US\$ 3.50 para os assinantes de CSSH).

A reação dos povos primitivos à dominação branca muitas vezes tomou a forma conhecida por "movimentos messiânicos": um "enviado divino" percorria a região pregando ou o fim do mundo iminente, ou a próxima chegada dos antepassados, e concitava o povo a determinados comportamentos destinados tanto a facilitar a chegada, quanto a assegurar um lugar importante aos adeptos na nova ordem das coisas. Multiplicaram-se as monografias, que puseram em evidência a regularidade das fases e dos ciclos do fenômeno, fôsse qual fôsse a cultura em que surgisse. Tornou-se, assim, necessário o estudo comparativo dos movimentos. Por outro lado, trabalhos históricos efetuados com perspectiva sociológica permitiam verificar muitos pontos de semelhança com fenômenos ocorridos na Idade Média ou no século XIX na Europa.

Esperavam-se novas análises sócio-antropológicas que aprofundassem o conhecimento dos traços de semelhança e dissemelhança dos movimentos milenaristas e messiânicos, e tal foi intenção de uma conferência realizada em Chicago, em abril de 1960, e cujos resultados foram editados sob a direção de Sylvia Thrupp. Participaram pesquisadores que haviam trabalhado em regiões diversas, e que se tinham ocupado com diferentes períodos históricos. As comunicações se referem a duas ordens de dados: o resultado de pesquisas de campo, efetuadas por sociólogos e antropólogos; a análise de documentos antigos, a cargo de historiadores.

O primeiro problema era, pois, o da validade de uma comparação entre dados de origem heterogênea. Todavia, o trabalho do antropólogo, o do sociólogo e o do historiador moderno apresentam, no dia de hoje, pontos de contacto que possibilitam a comparação, malgrado as técnicas diferentes de que fazem uso. Todos se preocupavam em descrever a organização social, o estilo de vida, a posição social recíproca dos grupos, quanto a dos indivíduos no interior de cada um deles, estabelecem a origem geográfica e social das coletividades que tomam parte no movimento; as crenças e idéias que servem de motor também merecem a atenção, estudadas do ponto de vista de sua "pureza" ou de sua fusão com idéias e conceitos estranhos à comunidade estu-